

Vencedor do prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Cannes e de numerosas l ureas internacionais, além de ser um favorito absoluto às categorias estrangeiras da temporada hollywoodiana de premia es, o longa-metragem japonês “Drive My Car” (2021, de Ry suke Hamaguchi) foi unanimemente mencionado nas listas de Melhores do Ano organizadas pelos críticos de cinema. Baseado em alguns contos amalgamados do escritor Haruki Murakami, este filme apresenta-nos aos dilemas de poucos personagens, ao longo de quase três horas de dura o, enfocando nos encontros casuais e nas epifanias cotidianas, como parecer ser uma marca registrada no estilo do diretor...

No mesmo ano em que realizou este filme, Ry suke Hamaguchi recebeu o Grande Pr mio do Júri no Festival de Cinema de Berlim por seu longa-metragem anterior, “Roda do Destino” (2021), subdividido em três episódios independentes, em que as coincidências relacionais também determinam o tom emocional. Para o diretor, as conseqüências dos encontros sexuais são bastante relevantes, de modo que, apesar de seus enredos se destacarem pela ternura, há também manifesta es traumáticas em seu escopo.

No longa-metragem mais recente, nota-se uma fascinante sobreposi o de camadas metaling sticas, facilitadas pela defini o do protagonista como um ator teatral: no início de “Drive My Car”, Yusuke Kafuku (Hidetoshi Nishijima) está num palco, encenando “Esperando Godot”, de Samuel Beckett. Percebemos de imediato que ele nutre uma predile o por peças estrangeiras e que possui uma rela o de extrema cumplicidade com sua esposa Oto (Reika Kirishima), que escreve roteiros após o sexo: durante e após cada orgasmo, ela acrescenta elementos a uma estória que desenvolve, sobre uma garota que percebe que foi uma lampr ia numa vida anterior e que invade a casa do garoto por quem   obcecada para masturbar-se em sua cama, numa invoca o de algo que acontece noutra conto murakamiano.

Sobremaneira compenetrado em suas atividades profissionais, Kafuku mant m como hábito a audi o de uma fita cassete gravada por sua esposa, através da qual repassa os diálogos da peça “Tio Vanya”, de Anton Tchekhov, enquanto dirige. Sabemos que ele e sua esposa lidam com a perda de uma filha, que faleceu aos quatro anos de idade e, aos poucos, vamos compreendendo outras nuanças do relacionamento matrimonial: a descoberta de que Oto tem rela es sexuais com outro(s) homem(ns), por exemplo. Como Kafuku lida com isso? Estamos ainda no prólogo!

Os créditos iniciais irrompem na tela após cerca de meia-hora de projeção. É quando novos personagens entram em cena, a fim de ressignificar os eventos a que tivemos acesso como introdução de recorrências especulares: em Hiroshima, dois anos após o falecimento de Oto, Kafuku organizará uma oficina de interpretação que culminará na encenação de “Tio Vanya”, com atores de variados países. Durante as audições, ele envolver-se-á particularmente com Koji Takatsuki (Masaki Okada), que fôra amante de sua esposa, e com Lee Yoon-A (Park Yoo-Rim), uma sul-coreana que comunica-se através da linguagem de sinais. Apesar de conseguir ouvir, ela não fala, e isso adicionará um toque ainda mais dramático à encenação levada a cabo por Kafuku.

Malgrado a sua longa duração, o filme não possui um ritmo lento, mas compassado. Ao mesmo tempo em que testemunhamos os ensaios para a peça supracitada, outra pungente relação é costurada ao longo da narrativa, justificando o título do filme: como foi diagnosticado com glaucoma após um acidente automobilístico, Kafuku é obrigado a aceitar uma cláusula de seus contratadores, que exige que outra pessoa dirija para os membros da equipe. Kafuku reluta a princípio, pois acostumou-se a repetir as suas deixas teatrais enquanto está no trânsito, mas concorda em experimentar os serviços da jovem Misaki (Tôko Miura). Eles começarão a interagir dialogicamente nalgum momento, e os motivos que a levaram a tornar-se uma motorista tão hábil desencadearão uma climática entrega actancial, onde o diretor suprime qualquer acompanhamento musical: as vozes dos atores são intensificadas no enfrentamento da tragicidade mútua, percebida como necessária. “*Sobrevivemos para pensar em nossos mortos*”, diz Kafuku, quiçá recitando uma das falas de seus alter-egos dramáticos...

Conforme antecipado pela cena em que o protagonista flagra a sua esposa transando com outro homem, através de um espelho, diversas camadas emotivas são superpostas no jogo de reflexos proposto pelo intrincado roteiro de Ryûsuke Hamaguchi e Takamasa Oe: quando pinga um colírio para seu glaucoma, ao voltar para casa, temos a impressão de que Kafuku está chorando, o que de fato pode estar acontecendo como pode ser uma exigência interpretativa. A metalinguagem é multiplicada durante as encenações, de modo que diversos conselhos tchekhovianos servem para os próprios atores, como quando eles concluem que “*é preciso continuar trabalhando*”. As imbricações entre Kafuku e o onipresente Tio Vanya são inúmeras, a ponto de ele rejeitar a possibilidade de voltar a interpretar esse personagem nos palcos. A realidade abrupta, entretanto, obriga os partícipes

dos enredos hamaguchianos a lidarem com destinos quase anunciados. Ao final, aplaudimos!

O sobejo de elogios direcionado a este filme é fundamentado: a extrema maturidade do diretor ao lidar com tantos aspectos personalísticos inter-relacionados é insigne, o que confirma-se a partir de uma escolha mui acertada de elenco. Num breve epílogo, chama a atenção o modo como as máscaras são naturalizadas, em razão de o filme ter sido filmado durante a pandemia do CoronaVírus. Os diálogos e olhares são bastante sutis mas também pontuados por relances de impacto, como quando Misaki percebe que tem a mesma idade que a filha de Kafuku teria, se ainda estivesse viva. Um trabalho elegante sobre as constatações da idade adulta, dirigido por alguém que realizou dois filmes num mesmo ano. Respondendo à pergunta do título: na opinião desse articulista, o melhor filme de 2021 foi justamente “Roda do Destino”, de Ryūsuke Hamaguchi.

Wesley Pereira de Castro.